

Sobre a possibilidade de um terceiro Wittgenstein

MATHEUS DE LIMA RUI¹;
EDUARDO FERREIRA DAS NEVES FILHO²;

¹Universidade Federal de Pelotas / filosofia – MATHEUS.LRUI@GMAIL.COM

²Universidade Federal de Pelotas – EDUARDOFNFILHO@YAHOO.COM.BR

1. INTRODUÇÃO

Dentre os estudos em filosofia contemporânea, uma prática muito comum é distinguir um autor em fases distintas, nas quais se encontram mudanças significativas dentro de seu desenvolvimento intelectual, facilitando assim, o estudo e análise de determinado filósofo. Um pensamento no qual encontramos claramente essa distinção de períodos é o do filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein. E é aqui onde debruçamos nossa pesquisa.

Wittgenstein (1889 - 1951) foi um filósofo notavelmente marcado pela ruptura radical com seu próprio pensamento. Desenvolveu sua primeira obra, o *Tractatus Logico-Philosophicus* em Cambridge, no ano de 1921. Com a publicação e grande repercussão da obra, Wittgenstein, com sua cativante modéstia, acreditava ter resolvido todos os problemas da filosofia. Assim, após a publicação ele abandona Cambridge e o estudo de filosofia, só retornando posteriormente em 1929, junto com uma postura duramente oposta a sua primeira filosofia (GLOCK, 1988, 28-30).

Durante esse período de transição, Wittgenstein produziu diversas anotações e escritos que foram compilados e publicados após sua morte. Mas a obra que é reconhecida como principal marca na mudança de postura do autor, é a obra *Investigações Filosóficas* (1952), que contém anotações, principalmente, em torno dos anos de 1936 até 1945 (GLOCK, 1988, 222). Assim encontramos uma consensual distinção entre os estudiosos do autor: o *primeiro* Wittgenstein resultante da obra *Tractatus Logico-Philosophicus*; e o *segundo* Wittgenstein, ou o Wittgenstein tardio, das *Investigações filosóficas* - o qual engloba tudo o que foi publicado, como anotações do autor, após o *Tractatus* até sua morte em 1951.

Porém, algo que tem sido, recentemente, alvo de estudo e discussões entre wittgensteinianos, é a obra *Da Certeza* (1969), a qual contém os últimos escritos em vida do autor, compilados e publicados após sua morte. E é na obra na obra *Understand Wittgenstein's On Certainty* (2007), que autora Daniele Moyal-Sharrock sustenta a ideia de um 'terceiro Wittgenstein', um diferente daquele presente nas *Investigações Filosóficas*. A autora busca nos escritos de Wittgenstein, uma interpretação sistemática da obra (que é constituída por anotações brutas, as quais o autor ainda desenvolvia seus *insights* sobre o assunto). Assim, Moyal-Sharrock traz Wittgenstein para os debates mais atuais sobre os conceitos de 'certeza', 'conhecimento', entre outros conceitos chave no campo da epistemologia.

Para MOYAL-SHARROCK (2007, 164), essa distinção binária – entre o primeiro e o segundo - que é reconhecida entre os comentadores de Wittgenstein, falha em reconhecer a distinta importância da obra *Da Certeza*. No entanto, a autora pretende ao longo de sua obra, sugerir uma distinção entre o período das *Investigações*, e um *terceiro* Wittgenstein, para salientar a diferença existente no que é reconhecido, e generalizado, como *segundo* Wittgenstein. Para a autora, a obra *Da Certeza* deve ser reconhecida como parte dos três grandes trabalhos do

filósofo austríaco, principalmente, por dois grandes motivos: primeiro, porque tal obra nos proporciona a chave para um dos problemas mais intratáveis da história da filosofia, o problema do ceticismo sobre o mundo exterior (o ceticismo global); e segundo, porque o terceiro Wittgenstein nos proporciona nessa obra, uma nova extensão da gramática, em relação ao que era visto como 'regras da gramática' nas *Investigações*, resolvendo, de certo modo, questões que ficaram incompletas, ou mal resolvidas, dentro do pensamento do *segundo* Wittgenstein.

Desse modo, meu objetivo aqui, é apresentar uma análise dos principais pontos defendidos na obra *Understand Wittgenstein's On Certainty*, e verificar a plausibilidade da teoria sustentada por Moyal-Sharrock; e também tratar, sobre a possibilidade de se falar em um *terceiro* Wittgenstein, quais as consequências que enfrentamos ao aceitar a interpretação da autora, e o que nos resta ainda para pensar sobre os insights de Wittgenstein presentes na obra *Da Certeza*.

2. METODOLOGIA

Estudo e discussão das obras *Investigações Filosóficas* e *Da Certeza*, bem como fichamento e análise da obra *Understand Wittgenstein's On Certainty*. Junto a essa bibliografia central, também foi trabalhado e discutido outros artigos relacionados ao tema. E por fim, a atenção foi dada para pensar os problemas que ainda resultam das obras estudadas, e buscar fontes de bibliografias extras que possam orientar para novas soluções para os problemas trabalhados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma característica que salta aos olhos de um leitor de Wittgenstein, ao se deparar com a obra *Da Certeza*, é a atenção especial que o autor dá ao problema do ceticismo. Em *Da Certeza*, a argumentação se desenvolve sobre a relação do que Moore afirma 'saber', e do que o cético pode duvidar. Wittgenstein admite que Moore tenha certeza dos truismos do senso comum que afirma, negando, entretanto, que ele os saiba. Ao negar qualquer possibilidade de termos certeza, o cético está questionando todo o jogo de linguagem do discurso sobre objetos físicos: "[...] O fato de eu acreditar no homem de confiança resulta de admitir que ele tenha a possibilidade de se certificar. Mas alguém que diz que talvez não haja objetos físicos não admite isso" (WITTGENSTEIN, 1969, §23). Na busca de uma prova para a existência do mundo exterior, Moore mostra suas mãos em público e afirma 'saber' que existem duas mãos humanas, logo, que existem objetos físicos no mundo. Ao alegar saber que tem duas mãos, Moore está pressupondo o quadro conceitual que o cético ataca. Wittgenstein retira as alegações de Moore do campo empírico, e coloca-as no campo da lógica.

Uma pergunta que devemos deixar clara: mas que tipo de ceticismo é esse que Wittgenstein está combatendo? A resposta: aquele no qual a dúvida não faz sentido, o ceticismo que duvida de tudo. Como explica o próprio autor: "O que tenho que mostrar é que uma dúvida não é necessária, mesmo quando é possível. Que a possibilidade do jogo de linguagem não depende de se duvidar de tudo que se preste a dúvidas" (WITTGENSTEIN, 1969, §392). Segundo MOYAL-SHARROCH (2007, 163), Wittgenstein não está apenas colocando o ceticismo global como um pseudo-problema filosófico, como muito foi atribuído ao autor, mas que a obra *Da Certeza* nos possibilita identificar o erro conceitual que dá origem a ilusão da dúvida cética, e explicar porque o cético falha em ver a

dúvida da forma que vê. Para a autora, é precisamente isso que Wittgenstein está fazendo na obra: identificando o erro categórico que dá origem ao problema do ceticismo, fazendo assim, o cético perder sua aderência no campo da filosofia. E isso, de fato, é uma característica marcante da obra *Da Certeza*, que não se encontra, de modo semelhante, em nenhum outro período do pensamento de Wittgenstein.

Outra característica da obra *Da Certeza*, que Moyal-Sharrock se utiliza para defender sua tese da existência de um *terceiro* Wittgenstein, é a peculiaridade com que o autor trata a gramática nessa obra. O *segundo* Wittgenstein encontrou o que tomamos por serem ‘proposições empíricas descrevendo verdades necessárias’ como expressões de regras da gramática (e.g. “nada pode ser totalmente vermelho e verde ao mesmo tempo”). Essas foram reconhecidas pelo autor como sendo nada mais que normas de representação que constituem nossos limites do sentido, e Moyal-Sharrock classifica-as como ‘dobradiças linguísticas’, em contraste com as outras espécies de dobradiças que aparecem em *Da Certeza* (ver MOYAL-SHARROCK, 2007, capítulo 5: “*Types and Origins of Hinges*”).

Moyal-Sharrock pensa que o *terceiro* Wittgenstein começa a enxergar nossa gramática de modo mais extensivo do que anteriormente pensava. Aumenta o escopo do que pertence à lógica (gramática) e diminui o que é pertencente ao empírico. A questão aqui é que a gramática nunca pareceu ser tão similar ao fundamento que recobre o que é empírico: “Existem incontáveis proposições empíricas, geralmente reconhecidas assim, que contam como certezas para nós” (WITTGENSTEIN, 1969, §273). Em *Da Certeza*, o autor começa a ver que isso (o que conta com certeza para nós) que é geralmente reconhecido como ‘proposições empíricas’, não são proposições em geral, mas são regras da gramática. A diferença entre essas proposições e aquelas encobertas pelo *segundo* Wittgenstein, é que elas não possuem a intensão de serem necessárias, mas sim verdades contingentes (e.g. “Existem objetos externos”, “Aqui tenho uma mão”, “estou sentado agora em uma cadeira”, etc...). Moyal-Sharrock diz que não existe nenhuma metafísica aqui, estas usurpam a semelhança com declarações físicas, ou declarações factuais, já que sua negação torna-se gramaticalmente sem sentido como: $2+2 \neq 4$ (MOYAL-SHARROCK, 2007, 164). E Wittgenstein reforça: “Eu quero dizer: o jogo físico é tão certo quanto o aritmético... Se alguém não se encanta pelo fato de proposições da aritmética serem ‘absolutamente certas’, então porque alguém deveria se espantar que proposições como ‘aqui tem uma mão’ seja tão certa quanto?” (WITTGENSTEIN, 1969, §447-8).

Portanto, para Moyal-Sharrock esses pontos cruciais (a dissolução do ceticismo radical e a nova extensão da gramática), encontrados na obra resultante dos últimos escritos em vida do autor, são suficientes para que passemos a chamar o Wittgenstein da obra *Da Certeza* como um *terceiro* Wittgenstein, clarificando assim, um momento distinto dentro do que sempre foi reconhecido como o Wittgenstein tardio – ou segundo.

4. CONCLUSÕES

A obra *Da Certeza* nos apresenta um conjunto de anotações com um caráter peculiar dentro do que sempre foi reconhecido como parte do *segundo* Wittgenstein. O que Moyal-Sharrock faz, é sistematizar as anotações do autor em forma de uma teoria, a qual toma parte de uma forte discussão atual, sobre temas centrais na filosofia. Como ela mesma reconhece, sua interpretação de

Wittgenstein propõe pensar consequências que o próprio Wittgenstein não pensou em realiza-las.

O trabalho realizado por Moyal-Sharrock vai além de uma simples exegese da obra *Da Certeza* ou do pensamento wittgensteiniano, ela propõe uma interpretação consistente com os escritos de Wittgenstein, mas pensando em como esses escritos podem originar soluções para os mais arduos problemas filosóficos que encontramos no debate contemporâneo. Para Moyal-Sharrock, o *terceiro* Wittgenstein é um *fundacionista*, mas uma espécie diferente de fundacionismo, no qual as crenças básicas, não são epistêmicas, são lógicas (gramaticalmente) e funcionam como um *know-how*. E é essa espécie de crença básica como *know-how* que leva Moyal-Sharrock a definir o *terceiro* Wittgenstein como um *Pragmatista lógico*: Pragmatismo lógico é visão de que nossas crenças básicas funcionam como um *know-how*, e que esse *know-how* é lógico, e necessário para nossas práticas linguísticas fazerem sentido (MOYAL-SHARROCK, 2007, 173).

Acredito que a proposta de Moyal-Sharrock pode expandir muitas outras ideias dentro da filosofia, ideias as quais penso que Wittgenstein nunca mesmo chegou pensá-las, e muito menos pensar em uma teoria capaz de sustentá-las. Vejo essa teoria desenvolvida pela autora, como as ideias do *Wittgenstein da Moyal-Sharrock*, um trabalho de relevância para o debate filosófico atual, a partir dos *insights* de Wittgenstein. E como toda teoria, ainda nos resta muita coisa a ser explicada e esclarecida; responder perguntas tais como: Como o Fundacionismo proposto pela autora, pode solucionar problemas de justificação epistêmica? Será possível frear o regresso epistêmico com crenças básicas não epistêmicas? Até onde o *Pragmatismo Lógico* pode nos auxiliar, e será ele uma teoria plausível? Buscar respostas a essas perguntas continua sendo o objetivo da pesquisa aqui apresentada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GLOCK, H-J. **Dicionário Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

MOYAL-SHARROCK, D. **Understanding Wittgenstein On Certainty**. New York: Palgrave, 2007.

_____. **Wittgenstein Today**. Beijing: University of Hertfordshire, 2013.

WITTGENSTEIN, L. **Da certeza**. Lisboa: Edições 70, 2000.

_____. **Tractatus logico-philosophicus**. São Paulo: Edusp, 2001.

_____. **On Certainty**. London: Blackwell Publishing, 1969.

_____. **Investigações Filosóficas**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.